

SUBJETIVIDADE E SUJEITO NA PSICANÁLISE E NA TEORIA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN – UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL?

VELIA TERESA ANCARES DE COTSIFIS

*Graduação em Psicologia;
Mestrado em Educação – UNINOVE.
velia.cotsifis@uol.com.br*

Resumo

Este trabalho pretende verificar se há consonância entre os conceitos de Sujeito e Subjetividade na Psicanálise e na Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Para tanto, analisa os conceitos Eu, Inconsciente, Id e Pulsão efetivados nos livros *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* e em *O Método*, v. 5, do estudioso francês, comparando-os às postulações psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1937) em 1905, 1914-15 e 1923 e Jacques Lacan (1901-1981) em 1949, 1943-54 e 1957-58

Palavras chave: *Psicanálise. Subjetividade. Sujeito. Teoria da Complexidade.*

Abstract

The purpose of this article is to articulate the concepts of Subject and Subjectivity based on the freudian and lacanian psychoanalytical theory and on Edgar Morin's Theory of Complexity. Thereby it analyses, also, the concepts of Ego, Unconscious, Id and Pulsion as they are described in Morin's books *Les Sept Savoirs Necessaires à L' Education du Future* and *La Méthode*, v. 5 and *L' Humanité de Humanité*. Compared to the psychoanalytic vision of Sigmund Freud and Jacques Lacan.

Key words: *Psychoanalysis. Subject. Subjectivity. Theory of Complexity.*

Introdução

Este texto é o resultado do estudo dos conceitos Subjetividade e Sujeito na Psicanálise e na Teoria da Complexidade de Edgar Morin. Para a escolha do tema, consideramos os efeitos, na subjetividade do professor, da indiferença dos alunos. Entendemos que o estudo desses conceitos em ambas as teorias e a procura de uma possível articulação entre eles poderão dar consistência à análise da subjetividade do professor.

Começaremos por descrever a concepção de Sujeito e Subjetividade segundo a Teoria Psicanalítica. Depois, efetuiremos o estudo dos termos de acordo com Morin, para, na seqüência, encontrar os pontos de articulação entre as duas posições teóricas.

Sujeito e subjetividade em Psicanálise

Para pensar a constituição do Sujeito, tomaremos como ponto de partida o *Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu*, de Jacques Lacan (1998). Diz o autor que há de se compreender o 'estádio do espelho' como uma identificação, isto é, a transformação que sofre o *Infans*¹ quando assume a sua imagem refletida no espelho. Estamos aqui nos referindo à experiência da criança entre 8 e 18 meses que, ao ver-se no espelho, descobre sua imagem e nela se reconhece, reagindo com alegria e alvoroço, utilizando todo o corpo, rindo e agitando braços e pernas. Essa "assunção jubilatória" (op. cit., p. 97) ocorre no momento em que se encontra mergulhado na dependência do outro, o semelhante, de forma radical, em razão da

prematuridade² com que o humano nasce. Falar de prematuridade é a forma de explicar que o bebê, ao nascer, diferentemente de outros seres viventes, apresenta total impossibilidade de valer-se por si mesmo e, se não tiver alguém que cuide dele e o alimente, perecerá.

Na experiência do espelho, ele assume sua imagem, vê-se como um todo, embora ainda não o seja. Dito de uma outra forma, a imagem que a criança vê no espelho lhe dá uma totalidade que, por sua prematuridade biológica e neurológica, ainda não tem. Como dissemos, ao defrontar-se com sua imagem, o *Infans* reage jubilosamente: sorrindo, agita braços e pernas, ao mesmo tempo que gira seu rosto para o adulto que o segura, buscando reconhecimento. É como se perguntasse ou pedisse a confirmação do que está vendo: "diga-me, eu sou isso que estou vendo?"

Esse encontro com sua imagem é o que constitui, segundo Lacan, a matriz simbólica na qual o Eu³ se precipita de uma forma primordial, antes que o sujeito entre na dialética das identificações e tenha acesso à linguagem. A partir do esquema óptico do 'buquê invertido',⁴ de Bouasse (1947), Lacan diz que a relação do vaso com as flores serve de metáfora preciosa para pensar a pré-história do sujeito. Concordamos com ele, pois esse esquema permite dar conta desse momento mítico do sujeito, porque possibilita pensar nos efeitos que, sob o olhar materno ou seu substituto funcional, tem na organização do *Urbild*⁵ o protótipo da imagem especular. Vejamos esse esquema do ponto de vista da pré-história do sujeito:

¹O termo *Infans*, na psicanálise, refere-se à criança que ainda não fala.

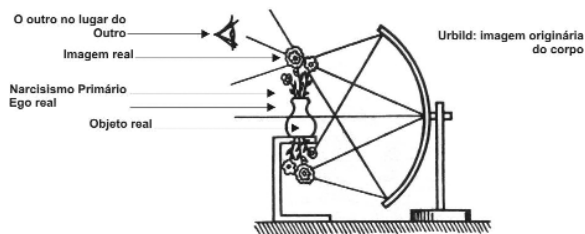
²Prematuração s. f. (1836 cf. SC) m. q. Prematuridade. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

³Trata-se aqui do *je*, na língua francesa, com o qual Lacan denomina o Sujeito do Inconsciente, segundo a nota do editor, no final de *Os Escritos Técnicos de Sigmund Freud* (1979).

⁴O esquema do 'buquê invertido' mostra uma ilusão óptica que se produz pela convergência dos raios luminosos num determinado ponto do espaço e que só pode ser vista se o observador estiver nesse ponto de convergência. Essa experiência óptica consiste em colocar acima de uma caixa oca, à qual falta um lado, um vaso na frente de um espelho côncavo; dentro da caixa se encontra um buquê de flores. Se o sujeito se posiciona precisamente na convergência dos raios luminosos, verá surgir o buquê acima do gargalo do vaso.

⁵*Urbild* significa, em alemão, modelo, protótipo. Essa palavra não foi traduzida em *Escritos de Jacques Lacan*, c. 2: Formulações sobre a Causalidade Psíquica, p. 181. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Esquema óptico do Buquê Invertido de Bouasse



Fonte: LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*, p. 94 (1979).

Com o uso desse esquema óptico, assim como do esquema que Lacan (1979, p. 147) vai produzir para dar continuidade à constituição do sujeito do ponto de vista do imaginário, podemos pensar em dois tempos: tempo lógico⁶ e tempo não cronológico. Não pensamos a constituição do sujeito como da ordem do desenvolvimento, em que a uma etapa logo outra sucede, e sim como algo que, num dado momento, ocorre ou não em razão de variáveis que só depois podem ser pesquisadas.

O que denominamos primeiro tempo na constituição do sujeito consiste na formação do *Urbild*, isto é, o protótipo da imagem em que o Eu real vai instalar-se. Esse *Urbild* se constitui no olhar do outro como Outro.⁷ O *Infans* se vê nesse olhar. Nos termos de Lacan (1979, p. 137):

O *Urbild* do que é uma unidade comparável ao eu, constitui-se num momento determinado da história do sujeito. Isso equivale a dizer que o humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária.

O *Urbild* é a sede do que Freud (1974, p. 107-108) denominou “narcisismo primário” e, como vimos, vai constituir o Eu real:

O narcisismo primário das crianças por nós pressuposto e que forma um dos postulados de nossas teorias da libido é menos fácil de apreender pela observação direta do que de confirmar por alguma outra inferência. Se prestamos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. “Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele.

A prematuridade do *Infans* ao nascer não é só motora; decorre também da impossibilidade de acesso à linguagem, que o leva a expressar as necessidades apenas pelo grito ou choro, únicas formas de que dispõe para se fazer ouvir. O *Infans* não fala, ele é falado; seu grito ou choro não só têm que ser ouvidos, mas também escutados como uma demanda do outro em posição de Outro. Escutar como demanda o grito ou choro significa ouvir mais do que a simples

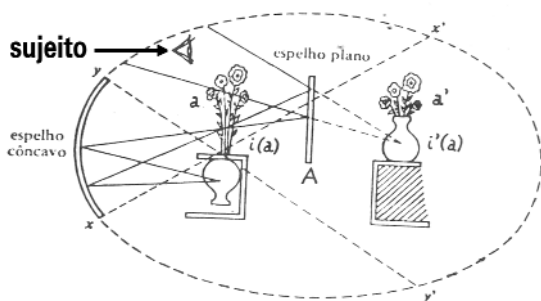
⁶Para Lacan (1998), o tempo lógico se estabelece em três momentos: tempo de ver; tempo de compreender; tempo de concluir.

⁷O Outro, grafado com maiúscula, é a proposição lacaniana que marca o lugar simbólico da falta, portanto, do desejo que impulsiona o sujeito, na condição de objeto, a suturá-lo. Segundo Roland Chemama (1993, p. 28) “é o lugar onde a psicanálise situa, além do parceiro imaginário, aquilo que, anterior e exterior ao sujeito, não obstante o determina.”

manifestação de uma necessidade; é fundamental que a mãe ou quem estiver exercendo a maternagem no lugar do Outro signifique a manifestação do *Infans*.

Podemos agora nos perguntar pelo pai na função paterna: Onde ele está nesse primeiro tempo? Ao falar do pai como função não nos referimos ao da realidade, senão àquele que, no discurso materno, é portador do falo simbólico e está mediatizado no discurso materno. A forma de a mãe, como Outro, com seu olhar e voz, fazer borda no corpo real, significando o grito ou choro e mediatizando o discurso do pai, será aquela originada na sua própria estruturação edípica. Mediatizar o discurso do pai implica a forma como a mãe falará a seu filho sobre a figura paterna e da posição que esta ocupará em seu discurso. Isso poderá valorizá-lo, desvalorizá-lo ou ignorá-lo.

Esquema do espelho plano



Fonte: *Escritos de Jacques Lacan* (1998). Observação sobre o Relatório de Daniel Lagache: *Psicanálise e Estrutura da Personalidade*.

O sujeito, posto numa posição adequada em relação à imagem real do primeiro esquema, vai ver nesse espelho (plano) sua imagem virtual. Virtual porque se vê lá onde não está, ficando alienado dessa imagem. Dependendo da posição em que ele se coloque, verá no espelho plano sua forma nítida ou fragmentada.

Retomando a questão da relação

simbólica, a que definirá a posição do sujeito como aquele que se vê, Lacan (op. cit.) diz que a palavra é que vai definir, com maior ou menor grau de perfeição e completude, a aproximação do imaginário. É o ideal do Eu que rege a relação do sujeito com o Outro, do qual dependerá o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação do imaginário. A identificação narcísica, do segundo narcisismo, é a identificação ao Outro; ela será o protótipo das relações do sujeito com o mundo, já que possibilita ao homem situar sua relação imaginária e libidinal ao mundo. É dessa identificação narcísica que o sujeito estará alienado. Estamos, então, na origem ou nascimento da subjetividade, para a teoria psicanalítica.

Vimos, até aqui, a constituição do Eu, do futuro sujeito no registro imaginário. Dizemos futuro sujeito porque nos referimos a ele no momento em que ainda não existe como sujeito desejante. Falta-nos abordar a sua constituição no registro simbólico, isto é, analisá-lo na perspectiva do saber, saber que está no Outro que expressa esse saber mediante suas demandas; porém, se esse Outro demanda, é porque algo lhe falta, é um Outro castrado. Em decorrência, se, por um lado, o *Infans* posiciona-se como objeto para responder à demanda, por outro, pode defender-se dessa alienação agenciando um certo saber sobre o desejo do Outro, sobre a falta no Outro. É como se o *Infans* dissesse: “tá certo, você quer que eu seja tal coisa”. Lajonquière (1997, p. 121) diz: “A criança antepõe ao desejo do Outro uma espécie de coágulo de saber”. Com coágulo de saber, o autor quer dizer que o *Infans* responde à demanda do Outro, oferecendo-se como o objeto que pode suprir a falta no Outro.

O Eu, para poder sair da condição das identificações e entrar na dimensão da fantasia fundamental, precisa percorrer os supostos⁸ do saber. A condição para que esse percurso ocorra

⁸Suposto adj. 1 admitido como hipótese, dado ou apresentado hipoteticamente; conjecturado. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

é a operação da metáfora paterna⁹ – a interdição do pai, como pai simbólico,¹⁰ no desejo materno. O Nome do Pai introduz a lei de interdição do incesto, como se dissesse: “Não reintegrarás teu produto”; “Não deitarás com tua mãe.” Essa operação possibilita que a criança deixe de ser o objeto que causa o desejo materno e passe a ser sujeito, sujeito desejante; assim, deixa de ser todo objeto para ser sujeito barrado, sujeito dividido na e pela linguagem.¹¹

Sujeito e subjetividade em Morin

Para Morin (2002), ser sujeito supõe um indivíduo. O autor não se detém a explicitar qual a diferença que ele estabelece entre os dois termos. Sujeito, segundo Houaiss (2001), etimologicamente vem do latim *subjectus*, posto debaixo, situado abaixo, subordinado, submetido, dependente. Deparamos aqui com um paradoxo: etimologicamente, sujeito significa subordinação, dependência, enquanto, para o pensamento moderno e a epistemologia cartesiana, é o Eu pensante, consciência, faculdade cognoscente e princípio fundador do conhecimento, isto é, esta concepção nada nos diz do sujeito submetido e dependente que a etimologia do termo indica.

Continuando com a tentativa de buscar a diferença entre sujeito e indivíduo em Morin, remetemo-nos a *Houaiss* (2001) que diz que as concepções de sujeito e de indivíduo podem ser tomadas como sinônimos, de acordo com as acepções 8 e 9 de indivíduo, definidas como homem anônimo, indeterminado; pessoa; determinado homem; estas definições aproximam-se da acepção 2 de sujeito – pessoa indeterminada.

No momento, esta análise não nos permite captar qual a diferença que Morin observa quando diz que sujeito supõe um indivíduo. Para desvelar a questão, avancemos na concepção de sujeito, do autor francês: “A definição primeira do sujeito deve ser biológica” (MORIN, 2002, p. 74). Após essa primeira definição, o autor sugere que a noção de sujeito implica uma lógica de auto-afirmação do indivíduo vivo, ocupando o centro do mundo, o que corresponde, de forma literal, à noção de egocentrismo. O sujeito ocupa o centro do mundo, o que comporta o princípio de exclusão e o de inclusão.

Pelo princípio de exclusão, a não ser o sujeito, ninguém pode ocupar esse centro; nem mesmo o gêmeo univitelino será dotado de todas as características que possam levá-lo até mesmo a confundir-se com o outro por possuírem a mesma identidade genética, pois não existe a possibilidade de o Ego do sujeito ser partilhado entre os gêmeos univitelinos. A diferenciação em relação ao outro não está na carga genética, anatômica, psicológica, afetiva, e sim, de acordo com Morin (2002, p. 75), “na ocupação do espaço egocêntrico por um Eu que unifica, integra, absorve e centraliza cerebral, mental e afetivamente as experiências de uma vida.”

Cada indivíduo carrega e sente, em sua subjetividade única, a singularidade anatômica, fisiológica, imunológica e afetiva que lhe é própria. Embora a identidade física do indivíduo não seja estável, pois vai-se modificando com o passar dos anos, a identidade de seu Eu permanece nas transformações da criança em adolescente, em

⁹A metáfora paterna é a forma de Lacan formalizar e sistematizar o Complexo de Édipo, fazendo com que deixe de ser uma história mítica em que foi transformado pela vulgata psicanalítica.

¹⁰A Psicanálise diferencia o pai da realidade, aquele pai do dia-a-dia que trabalha, brinca, cuida etc., do pai como função. O pai, como função, é o pai simbólico, que vai exercer a interdição, introduzindo a lei de interdição do incesto, e assim submete o desejo materno à lei. O pai simbólico, escrevemos NP (significante nome do pai).

¹¹O sujeito em Psicanálise é o sujeito do desejo que Sigmund Freud descobriu no inconsciente. Esse sujeito do desejo é um efeito da imersão do *Infans* na linguagem. Ver CHEMAMA, R. et. al. *Dicionário de Psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

adulto e, depois, em velho: “As qualidades do sujeito transcendem as mudanças do ser individual” (id. ib.). Embora o sujeito seja egocêntrico, esse egocentrismo não leva só ao egoísmo, já que a condição do sujeito comporta o princípio de inclusão. Por esse princípio, o sujeito tem a condição da inclusão na comunidade: “um Nós (casal, família, partido, igreja) inclui esse Nós no centro do mundo” (op. cit., p. 76).

Para Morin (id. ib.), há no sujeito a possibilidade egoísta de sacrificar tudo em benefício de si mesmo e uma possibilidade de altruísmo que leva ao autosacrifício:

tudo se passa como se houvesse em nossa subjetividade um quase duplo programa; um comando, o ‘para si’; outro, o ‘para nós’ ou ‘para outros’.

O altruísmo, princípio de inclusão, de um lado, destina o sujeito ao ‘Nós’ biológico (pais, filhos); de outro, ao ‘Nós’ sociológico (pátria, partido, religião) e também ao ‘Tu’. Isso significa que o indivíduo vive para si e para o outro, dialogicamente. Pensamos que, para Morin, sujeito e indivíduo são sinônimos, pois ele utiliza ambos indiscriminadamente.

Tomando estes dois princípios, exclusão e inclusão, deparamos com o fato de que o sujeito sofre, em determinados momentos, a pressão de duas forças antagônicas: uma emana de seu egoísmo, e a outra, de seu altruísmo, o que pode deixá-lo constrangido se tiver de tomar uma decisão dolorosa. Nos termos de Morin (op. cit., p. 77), “a subjetividade comporta assim a afetividade.”

A relação do sujeito com o outro, o semelhante, importa em semelhanças e dessemelhanças em virtude dos traços humanos e culturais comuns, da singularidade individual e das diferenças étnicas. O fechamento egocêntrico faz com que o outro se torne estranho, o altruísmo torna o outro

simpático: “O sujeito é por natureza aberto e fechado” (id. ib.). O princípio de inclusão está na origem do sujeito, mas o outro se encontra em seu âmago: “O outro é uma necessidade interna, confirmada pelas recentes pesquisas sobre o apego entre os recém-nascidos e entre as crianças” (id. ib.). A relação com o outro está na origem do sujeito, é um outro virtual em cada um; os sujeitos se organizam, interagindo com o outro, e assim também “os sujeitos estruturam-se pelas mediações dos outros sujeitos antes mesmo de conhecê-los de fato” (op. cit., p. 78). O sujeito surge quando se integra intersubjetivamente, isto é, quando se integra com o outro; mas, para não se dissolver nessa intersubjetividade é o Eu que guarda sua auto-afirmação irredutível: “Quando uma relação intersubjetiva profunda se estabelece, mimetismos inconscientes produzem-se (imitação, riso, certas expressões do rosto, entoações vocacionais, modos de comportamento)” (id. ib.).

A necessidade de um outro mostra a incompletude do Ego-Eu. Se, por um lado, a qualidade do sujeito garante sua autonomia, por outro, o sujeito pode ser submetido, não na condição de submisso, dominado de fora, e sim como prisioneiro de um poder subjetivo forte, que se impõe no panorama egocêntrico, subjugando o indivíduo, que fica possuído dentro de si mesmo. É possível ser possuído subjetivamente por um Deus, um Mito, ou seja, por uma Idéia que, instalada no mundo egocêntrico, comandará imperativamente, embora o sujeito acredite atuar voluntariamente:

O indivíduo, sujeito, sofre a autoridade social, a influência e a norma de uma cultura; forma-se e vive sempre na dialógica estabelecida por Freud entre Superego, o Id pulsional e o Ego-Eu (op. cit., p. 81).

O sujeito tem a capacidade de objetivar e objetivar-se a si mesmo, isto é, ele mesmo tornar-se objeto. O sujeito, Eu objetivado, é o Ego. Esse Ego diferente do Eu é, ao mesmo tempo, idêntico a ele. É essa capacidade do sujeito de ver-se como objeto (Ego) sem deixar de ser Eu que lhe permite ser subjetivo e objetivo, podendo tratar objetivamente seu problema subjetivo como uma doença. Essa possibilidade lhe dá a condição de confrontar, em qualquer circunstância, um princípio de realidade com um princípio de desejo. “O sujeito não está sozinho porque o Outro e o Nós moram nele” (id. ib.).

Psicanálise e Complexidade: uma articulação possível?

Lendo Morin pelo viés de uma possível articulação com a teoria psicanalítica, defrontamo-nos com dois tipos de dificuldade. O primeiro refere-se ao uso que o autor faz dos conceitos psicanalíticos: quando se refere ao inconsciente, não fica claro se o trata como atributo, isto é, aquilo que não é consciente, ou se o está tratando ao modo da Psicanálise, para a qual o inconsciente não é um atributo, e sim um dos sistemas do aparelho psíquico. O fato de referir-se a outras categorias psicanalíticas – pulsão, Id, Superego – leva-nos a pensar que, ao falar do inconsciente, reporta-se ao inconsciente freudiano, embora o faça de forma peculiar já que aborda uma pluralidade de inconscientes.

O inconsciente freudiano é uma instância com forma específica de funcionamento, seja dinâmico, econômico ou topográfico. O autor, ao referir-se ao inconsciente, destaca a existência de uma pluralidade de inconscientes (op. cit.). Em momento algum de sua obra Freud (1976, v. 19, p. 27-28) nos fala de pluralidade, mas adota o seguinte tratamento conceitual:

Podemos agora trabalhar comodamente com nossos três termos, Cs., Pcs. e Ics., 12 enquanto não esquecermos que, no sentido descritivo, há dois tipos de inconsciente, mas, no sentido dinâmico, apenas um.

Morin (2002, p. 37) nos fala de dois Id, e novamente deparamos com algo nunca dito por Freud. Para este, o Id é constituído daquilo que nunca passou pelo sistema perceptivo consciente. A concepção de pulsão, para esse autor, indica o instinto, que não é, como veremos a seguir, o entendimento psicanalítico: “O indivíduo encontra-se no nó das interferências da ordem biológica da pulsão e da ordem social da cultura” (op. cit., p. 53). Na página seguinte, informa que “O cérebro humano integra: a) o paleocéfalo, herdeiro do cérebro réptil, fonte de agressividade, do cio, das pulsões primárias”. Ao referir-se à trindade psíquica, afetividade-pulsão-racionalidade, diz:

Por seu lado, a pulsão réptil do cio dissemina-se, transforma-se e complexifica-se em erotismo e sensualidade, entra em osmose com o sentimento amoroso. Ainda mais, como mostrou Freud, há um poder de invasão da sexualidade em todas as atividades mentais do sonho e da realidade, fazendo-os derivar, metamorfosear-se, transformando-se ela mesma em libido, a qual é capaz de sublimar-se nas mais altas criações do espírito. (op. cit., p. 123).

Como vemos, todas as referências à pulsão são de ordem orgânica e instintiva. Podemos pensar que Morin usa o termo como sinônimo de instinto. Entretanto, para Freud (1914), instinto é algo que vem com a espécie, e pulsão

(*Trieb*)¹³ algo que se estabelece na relação da criança com a mãe, na presença de um terceiro. Na definição freudiana, temos que pulsão é um “conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como um representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente [...]” (1974, v. 14, p. 142).

A afirmação moriniana sobre a transformação da pulsão em libido revela mais uma diferença em relação à formulação freudiana, pois, para Freud (1972, v. 7, p. 223):

Definimos o conceito de libido como uma força quantitativamente variável que poderia servir de medida do processo e das transformações que ocorrem no campo da excitação sexual. Distinguimos esta libido, no tocante à sua origem especial, da energia que se deve supor subjacente aos processos mentais em geral, e, assim, também atribuímos a ela um caráter qualitativo.

Ao tratar da questão do sujeito, o pensador francês sugere que este ocupa o centro do mundo e, pelo princípio de exclusão, ninguém pode ocupar esse centro a não ser o próprio sujeito, referindo-se, com isso, ao ego do sujeito que não pode ser partilhado nem nos casos de gêmeos univitelinos. A seguir, pondera que o espaço egocêntrico é ocupado por um Eu, o que nos leva a pensar, num primeiro momento, que Ego-Eu são sinônimos. No entanto, logo depois, o autor estabelece uma diferença entre Ego e Eu ao dizer que o sujeito Eu objetivado, é o Ego, e acrescenta que o Ego é diferente do Eu e ao mesmo tempo idêntico.

Essa concepção de Ego-Eu também não nos permite nenhum tipo de articulação com a Psicanálise. Dando continuidade à conceituação do sujeito, o autor diz: “O sujeito não está sozinho porque o Outro e o Nós moram nele. Mas o Eu está só” (MORIN, 2002, p. 81). Perguntamo-nos: a que se refere Morin, quando usa a categoria Outro? Ao Outro do qual fala Hegel (1770-1831) na *Fenomenologia do Espírito*? Ao Outro freudiano da *Carta 52 a Fliess*, de 06 de dezembro de 1896? No texto não há respostas para essas questões. Em psicanálise, utilizamos essa categoria com referência ao lugar do código – o Outro como a cultura, ou o Outro que marca o lugar simbólico da falta, portanto, do desejo que impulsiona o sujeito, na condição de objeto, a suturar essa falta no Outro. A falta de esclarecimento, no autor, não nos permite nenhum tipo de aproximação.

A seguir, Morin (op. cit.) cita Freud para dizer que este concebeu a unidade do sujeito a partir da trindade psíquica em relação ativa e inseparável do Id pulsional, e o Superego, imago do pai, mais amplamente, de toda autoridade. Dessa forma, um subego e um superego constituem o Ego. O subego não é um conceito freudiano; podemos pensar que é uma outra forma de referir-se ao inconsciente, segundo uma concepção própria do pensador francês. Na mesma página, Morin afirma que o subego e o superego constituem o Ego, divergindo do dito por Freud (1973, v. 19, p. 39):

É fácil ver que o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo, por intermédio do Pcpt.-Cs;¹⁴ em certo sentido, é uma extensão da diferenciação de superfície.

¹²Cs., Pcs e lcs significam, sistema Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente (nota do autor).

¹³É preciso esclarecer que a edição Standard Brasileira das *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, na qual nos fundamentamos, por ter sido vertida diretamente do inglês, apresenta inúmeros erros de tradução em relação à língua alemã. Um deles é o uso do termo instinto no lugar de pulsão – Freud escreveu *Trieb* e não *Instinkt* (nota do autor).

¹⁴Pcpt.-Cs significa sistema perceptivo-consciente. (N. do A.).

Em relação ao superego, ele se constitui pela identificação com a figura paterna e materna no momento da resolução do Édipo, portanto, resulta da modificação do Ego. Dessa forma, não se pode pensar que subego e superego constituam o Ego, como afirma Morin. Segundo Freud (1976, v. 19, p. 49),

O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal de ego ou superego.

No que diz respeito à concepção do sujeito em Morin e na Psicanálise, também não foi possível fazer uma articulação. Para a Psicanálise, o sujeito é dividido a partir da operação da metáfora paterna; por isso, é sujeito desejante, é sujeito do inconsciente, é sujeito na e pela linguagem. Para a teoria da complexidade, o sujeito ocupa o centro do mundo; ele contém o Ego-Eu, o Nós, o Tu e o Outro.

Em relação à subjetividade, podemos dizer que, embora não seja um conceito exclusivo da Psicanálise, a concepção de Morin sobre ele é diferente da psicanalítica. Vejamos: o autor francês afirma que

cada indivíduo vive e experimenta-se como sujeito singular; essa subjetividade singular que diferencia cada um é comum a todos (Morin, 2002, p. 59).

Mais adiante, salienta:

É o indivíduo humano, vamos repetir, que dispõe das qualidades do espírito e mesmo de uma superioridade em relação à espécie e a sociedade, pois só ele tem a consciência e a plenitude da subjetividade (op. cit., p. 73).

A concepção de subjetividade que encontramos no dicionário *Houaiss* (2001) aproxima-se da concepção formulada por Morin quando afirma que só o indivíduo humano tem consciência e plenitude da subjetividade, considerando a subjetividade como da ordem da consciência. A Psicanálise propõe que a identificação narcísica será o protótipo das relações que o sujeito estabelecerá com os outros, seus semelhantes, ficando a ela alienado (LACAN, 1979, p. 148) – em outros termos, a subjetividade é inconsciente. Trata-se de uma subjetividade originária que se vai complexificando durante a estruturação do sujeito. Como vimos, o Eu, para poder sair da condição das identificações e entrar na dimensão da fantasia fundamental, precisa percorrer esses supostos possibilitados pela operação da metáfora paterna.

Pensamos que a posição de objeto que o sujeito ocupa na fantasia será a forma como ele verá o mundo e se relacionará com ele. A segunda dificuldade, que mencionamos, é a de que Morin cita Freud sem indicar a fonte da qual extrai os conceitos psicanalíticos. Contornamos essa dificuldade buscando os textos freudianos que conceitualizam os termos a que o autor se refere.

Conclusão

Por termos trabalhado, como apontamos, com apenas duas obras de Edgar Morin, podemos dizer que nossa conclusão sobre a possível articulação entre a Psicanálise e a Teoria da Complexidade em relação às categorias subjetividade e sujeito não tem

caráter definitivo. Feito este esclarecimento, passaremos a considerar as razões que nos levaram à conclusão de uma articulação impossível entre essas teorias, no que se refere aos conceitos acima denominados.

Em primeiro lugar, assinalamos que o uso que o autor francês faz dos conceitos psicanalíticos está distante da conceptualização freudiana. Morin modifica e distorce os conceitos de Inconsciente, Id, Pulsão e Superego, como apontamos no item *Psicanálise e Complexidade: Uma Articulação Possível?* Quanto à concepção de sujeito e subjetividade em Morin e na Psicanálise, deparamos também com a impossibilidade de realizar algum tipo de articulação. Para o autor francês, o sujeito ocupa o centro do mundo, contendo o Ego-Eu, o Nós, o Tu e o Outro; para a Psicanálise, ele é dividido na e pela linguagem, é sujeito desejante, portanto, sujeito do inconsciente.

No que diz respeito à subjetividade, da mesma forma não encontramos uma possível articulação em Morin, a subjetividade é consciente, faz parte da consciência e comporta afetividade; a Psicanálise a propõe como identificação narcísica da qual o sujeito ficará alienado, o que será a origem ou o nascimento da subjetividade. Assim conceitualizada, a subjetividade é inconsciente e sem afeto. Freud diz que os afetos não são inconscientes, não passam pela operação do recalque.

A grande dificuldade com que deparamos em nosso estudo, na busca de uma articulação, foi a de que Morin, nos diferentes trechos em que cita Freud, não nos diz, seja em notas de rodapé ou nas referências bibliográficas, a fonte da qual extrai suas afirmações sobre as idéias do criador da Psicanálise. Essa situação nos levou a localizar, na obra freudiana, especialmente os textos em que estão conceptualizados os termos que o autor francês utiliza, para poder cotejar o rigor no emprego dos conceitos dos quais ele se apodera para elaborar sua teoria da complexidade.

Deparamo-nos também com a dificuldade de analisar os fundamentos filosóficos nos quais Morin se baseia. Por exemplo: quando introduz a categoria do Outro, ele o faz sem qualquer tipo de referência que possibilite conhecer qual sua fundamentação filosófica.

A conclusão a que chegamos é a de que, no contexto em que trabalhamos, resulta impossível verificar consonância entre os conceitos de Sujeito e Subjetividade na Teoria Psicanalítica e na Teoria da Complexidade

Referências

- CHEMAMA, Roland. *Dictionnaire de la Psychanalyse*. Paris: Larousse, 1999.
- FREUD, Sigmund. *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Edição Standard Brasileira, v. 7. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- _____. *Os Instintos e suas Vicissitudes*. Edição Standard Brasileira, v. 14. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *Introdução ao Narcisismo*. Edição Standard Brasileira, v. 14. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- _____. *O Ego e o Id*. Edição Standard Brasileira, v. 19. Tradução: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Tradução: Paulo Meneses. Petrópolis: Vozes, 2002.
- HOUAISS. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LACAN, Jacques. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. In: *Escritos de Jacques Lacan*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário. Livro 1: Os Escritos Técnicos de Freud*. Texto estabelecido: Jacques-Alain Miller. Tradução: Betty Milan. Colégio Freudiano de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. *O Seminário. Livro 5: As Formações do Inconsciente*. Texto estabelecido: Jacques-Alain Miller. Tradução: Vera Ribeiro. Campo Freudiano no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAJONQUIÈRE, L. A. Escolarização de Crianças com DGD. *Estilos da Clínica*, ano 2, n. 3, p. 116-129. Instituto de Psicologia da USP. São Paulo, 2º semestre 1997.

MORIN, Edgar. *O Método 5 – A Humanidade da Humanidade*. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2002

E SILVA, Jeanne Sawaya. ed. 6. São Paulo: Cortez, 2002.

